



Correspondência aos Autores

¹Valeska Virgínia Soares Souza
E-mail: valeskasouza@iftm.edu.br
Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, MG, Brasil
CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/9322570955527591>

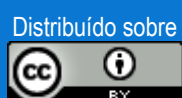
¹José Celso Freire Junior
E-mail: jose-celso.freire@unesp.br
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”
São Paulo, SP, Brasil
CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/7771642747218401>

Submetido: 10 fev. 2022
Aceito: 08 set. 2022
Publicado: 22 set. 2022

[doi> 10.20396/riesup.v9i00.8668387](https://doi.org/10.20396/riesup.v9i00.8668387)
e-location: e023037

ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Internacionalização em casa como *hub* na Educação Superior: uma proposta de formação

Valeska Virgínia Soares Souza¹  <https://orcid.org/0000-0001-5419-9308>

José Celso Freire Junior²  <https://orcid.org/0000-0002-2519-9808>

¹Universidade Federal de Uberlândia, ²Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

RESUMO

Este texto de pesquisa tem como objetivo socializar uma experiência de formação de docentes e de servidores técnicos administrativos de uma Instituição de Ensino Superior para a internacionalização em casa. O foco do curso foi a familiarização dos participantes com as concepções teóricas e práticas que circundam o tema de internacionalização em casa, incluindo questões administrativas e linguísticas, além de análise e de ideação de práticas de internacionalização. Seguindo uma perspectiva metodológica qualitativa, as percepções da professora formadora foram registradas em notas de campo ao longo do curso e as opiniões dos demais participantes foram coletadas por meio de questionários semiestruturados ao final do curso. Os resultados apontam para a pertinência dos objetivos do curso e para a qualidade dos módulos propostos. Enquanto motivos externos à ingerência dos participantes, como falta de tempo e período da oferta, conduziram à desistência, motivos relacionados à qualidade da proposta pedagógica e a questões de mediação e interação levaram à permanência. Conclui-se que atividades de formação dessa natureza são imprescindíveis para que instituições de Educação Superior no Brasil possam mobilizar aliados em suas próprias instituições para fomentar a internacionalização em casa. Como contribuição do texto de pesquisa para os leitores interessados no tema, destaca-se a identificação de boas práticas para a oferta de cursos de formação dessa natureza, que devem considerar: a heterogeneidade do conhecimento prévio, a socialização de experiências e a percepção da identidade institucional.

PALAVRAS-CHAVE

Internacionalização em casa. Educação Superior. Formação para a internacionalização.

Internationalization at home as a hub in Higher Education: a training proposal

ABSTRACT

This research paper aims to socialize an experience of training teachers and administrative technical workers of a Higher Education institution for internationalization at home. The focus of the course was to familiarize the participants with the theoretical and practical conceptions surrounding the theme of internationalization at home, including administrative and linguistic issues, as well as analysis and ideation of internationalization practices. Following a qualitative methodological perspective, the perceptions of the teacher trainer were recorded in field notes throughout the course and the opinions of the other participants were collected through semi-structured questionnaires at the end of the course. The results point to the relevance of the course objectives and to the quality of the proposed modules. While reasons external to the participants' willingness, such as lack of time and the period of the offer, led to dropouts, reasons related to the quality of the pedagogical proposal and to issues concerning mediation and interaction led to permanence. We conclude that training activities of this nature are indispensable for Higher Education institutions in Brazil to mobilize allies in their own institutions to foster internationalization at home. As a contribution of the research text for readers interested in the topic, we highlight the identification of good practices for offering training courses of this nature, which should consider: the heterogeneity of prior knowledge, the socialization of experiences, and the perception of institutional identity.

KEYWORDS

Internationalization at home. Higher education. Training for internationalization.

La internacionalización en casa como eje de la educación superior: una propuesta de formación

RESUMEN

Este texto de investigación tiene como objetivo socializar una experiencia de formación de docentes y trabajadores técnicos administrativos de una institución de Educación Superior para la internacionalización en casa. El objetivo del curso era familiarizar a los participantes con las concepciones teóricas y prácticas en torno al tema de la internacionalización en casa, incluyendo cuestiones administrativas y lingüísticas, así como el análisis y la ideación de prácticas de internacionalización. Siguiendo una perspectiva metodológica cualitativa, las percepciones de la formadora se registraron en notas de campo a lo largo del curso y las opiniones de los demás participantes se recogieron mediante cuestionarios semiestructurados al final del curso. Los resultados señalan la pertinencia de los objetivos del curso y la calidad de los módulos propuestos. Mientras que razones externas a la injerencia de los participantes, como la falta de tiempo y el periodo de la oferta, provocaron el abandono, razones relacionadas con la calidad de la propuesta pedagógica y cuestiones relativas a la mediación y a la interacción provocaron la permanencia. Se concluye que las actividades de formación de esta naturaleza son esenciales para que las instituciones de educación superior en Brasil movilicen aliados en sus propias instituciones para fomentar la internacionalización en casa. Como contribución del texto de investigación para los lectores interesados en el tema, destacamos la identificación de buenas prácticas para la oferta de cursos de formación de esta naturaleza, que deben considerar: la heterogeneidad de los conocimientos previos, la socialización de las experiencias y la percepción de la identidad institucional.

PALABRAS CLAVE

La internacionalización en casa. La educación superior. Formación para la internacionalización.

1 Introdução

O termo ‘internacionalização em casa’ (IaH) foi primeiramente utilizado em 1999 para se referir ao trabalho desenvolvido pelo sueco Bengt Nilsson quando ele se mudou da Universidade de Lund para a Universidade de Ciências Aplicadas de Malmö e encontrou um contexto de falta de parcerias internacionais e de baixa porcentagem de mobilidade estudantil (NILSSON, 2003). Baumvol (2019, p. 50) exalta que, em entrevista, o professor Jos Beelen relata que Nilsson “teve que começar a buscar experiências de aprendizagem internacional e intercultural dentro da cidade de Malmö e ele chamou isso de ‘internacionalização em casa’”. Esta ação repercutiu em outras universidades europeias que também reconheceram a necessidade de internacionalizar, não se limitando apenas à mobilidade internacional de poucos estudantes, e documentaram seus esforços em uma publicação conjunta sobre o contexto, as premissas e as implicações da ‘internacionalização em casa’ (CROWTHER, 2000).

Segundo Knight (2008), a ideia de ‘internacionalização em casa’ foi desenvolvida para elevar a importância dos elementos internos da universidade, com ênfase nas dimensões internacional, intercultural e global que se estabelecem no ensino, na pesquisa, nas atividades extra-curriculares, nas relações com grupos locais comunitários, assim como na integração da comunidade estrangeira às atividades e à vida do campus. Essa tendência de valorização de um processo de internacionalização que considere o ambiente doméstico se mostra amplamente presente na contemporaneidade, inclusive no contexto brasileiro, para o benefício de estudantes de instituições de ensino superior sem a possibilidade de realizar um intercâmbio físico internacional em seu processo de formação (FREIRE JR.; MASSINI-CAGLIARI; PUTTI, 2020).

As atividades consideradas como ‘internacionalização em casa’, não apenas as relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, mas também as de pesquisa, de extensão e de gestão, feitas no espaço doméstico, encampam tanto o espaço físico como o digital. Modelos de mobilidade e/ou de intercâmbio virtual, como o *Collaborative Online International Learning* (COIL) passam a estar acessíveis para as populações que não possuem condições financeiras para a mobilidade internacional ou para aqueles que desejem participar de modos digitais de aprendizagem no contexto internacional (WOJENSKI, 2021).

Beelen e Jones (2015) definem ‘internacionalização em casa’ como a integração intencional das dimensões internacional e intercultural no currículo formal e informal para todos os estudantes dentro dos ambientes de aprendizagem domésticos. Essa definição tem sido adotada por pesquisadores de diferentes Instituições de Ensino Superior (IES), no mundo e no Brasil, especialmente para a compreensão de atividades relacionadas à internacionalização do currículo, tanto para investigar ferramentas que auxiliem na construção do currículo formal a partir dos princípios de ‘internacionalização em casa’ (BARANZELI, 2019), como aquelas que se alinham ao currículo informal.

Acredita-se que mesmo que os conceitos de ‘internacionalização em casa’ e ‘internacionalização do currículo’ encontrem pontos de convergência, no segundo conceito há um foco mais forte no pilar ensino. Recorre-se a Leask (2009, p. 209) para a primeira definição do termo: “a internacionalização do currículo é a incorporação de uma dimensão internacional e intercultural no conteúdo do currículo, assim como processos de ensino e aprendizagem e serviços de apoio a um programa de estudo”. Em Leask (2015, p. 10) há uma ampliação do escopo para: “a internacionalização do currículo é a incorporação de dimensões internacionais, interculturais e/ou globais no conteúdo do currículo, assim como os resultados do aprendizado, tarefas de avaliação, métodos de ensino, e serviços de apoio de um programa de estudo”.

A ‘internacionalização em casa’ é aderente a um posicionamento abrangente e estratégico da internacionalização do Ensino Superior, que considera os múltiplos *stakeholders* do contexto universitário: discentes, docentes, técnicos-administrativos, gestores e comunidade externa, que podem definir os rumos do processo de internacionalização. Hudzik (2011) defende que para uma compreensão mais abrangente da área de internacionalização do Ensino Superior, é importante apontar que a internacionalização não é apenas um meio, mas também uma finalidade. Essa finalidade (ou conjunto de finalidades) pode variar de instituição para instituição e a abordagem particular escolhida para a internacionalização é dependente das finalidades que se espera alcançar.

Em termos de possibilidades e desafios para uma abordagem abrangente de internacionalização, Hudzik (2015a, p. 76) aponta que existem “importantes barreiras comportamentais, motivacionais e de atitude nos níveis dos indivíduos, dos departamentos e da instituição como um todo que podem se tornar barreiras poderosas ou facilitadores eficazes”. Para transpor essas barreiras, entende-se que o conhecimento sobre as ações de internacionalização por parte do corpo docente e administrativo das instituições de Educação Superior e, possivelmente em consequência, seu engajamento nessas ações é desejável. Assim, considerando a relevância do trabalho de Hudzik e sua importância para o desenvolvimento das IES, se buscou propiciar maior conhecimento à temática a partir de uma ação de formação específica, o curso ‘Internacionalização em casa como *hub* na Educação Superior’ (doravante IaHHES), que será abordado neste texto.

Antes de avançar, se destaca uma particularidade associada à utilização do estrangeirismo *hub* no título do curso. Este termo se refere ao equipamento utilizado na área de informática para fazer a conexão de computadores de uma rede e possibilitar a transmissão de informações entre essas máquinas. No curso sobre internacionalização em casa investigado, serve para ilustrar a metáfora da formação de uma rede a partir das experiências propiciadas.

Ao mesmo tempo, deve-se ressaltar que na literatura na área de internacionalização, de acordo com Hudzik (2015a), historicamente, os espaços educacionais que atraíam estudiosos e

outros curiosos de lugares longínquos, que se moviam na busca de novas ideias, eram considerados centros de conhecimento ou *hubs*. Esses espaços funcionavam como ímãs para novas ideias, que se tornavam móveis além de fronteiras regionais e políticas. Esses *hubs* tendem a atrair “estudiosos e ideias de diversos lugares e culturas e tipicamente entrelaçam múltiplas disciplinas de pensamento e prática” (HUDZIK, 2015a, p. 12). Forma-se, assim, uma rede dinâmica que se amplia na medida que “a rede faz o *hub* tanto quanto o *hub* faz a rede” (p. 17). Na contemporaneidade, estima-se que com os recursos, talentos e imaginação, novos espaços universitários sem fronteiras e globais sejam os futuros *hubs* para o desenvolvimento dinâmico e internacional do conhecimento (BASSET, 2021).

Considerando a oferta do curso IaHHES, este texto de pesquisa tem como objetivo socializar uma experiência de formação de docentes e de servidores técnicos administrativos de uma instituição de Educação Superior para a internacionalização em casa. Nas palavras do diretor da Assessoria de Relações Externas da instituição em que o curso foi ofertado, “internacionalização em casa é um conceito muito importante para toda a comunidade da nossa instituição. Queremos capacitar, conscientizar e tornar nossos servidores embaixadores desse tema”¹.

Para socializar a experiência do curso IaHHES, o texto está organizado em cinco outras seções após esta Introdução. Na sequência, discorre-se sobre o embasamento teórico para se compreender a internacionalização da Educação Superior. A terceira seção abarca os procedimentos metodológicos: a natureza da pesquisa, o contexto, a descrição do curso e os instrumentos de coleta e de análise. Em seguida, apresenta-se os dados coletados a partir de aplicação de questionários, com o levantamento de feedback dos participantes do curso de formação. A quinta seção, de análise e interpretação dos dados, traz aprendizagens sobre o curso de formação. Por fim, tem-se as considerações finais, seguidas das referências.

2 A Internacionalização da Educação Superior

2.1 Internacionalização da Educação Superior: definições, contextualização e evolução histórica

Uma das primeiras definições de internacionalização da Educação Superior que ganhou destaque internacional, foi a de Knight (2004, p. 11), que indicava que se trata de um: “[...] processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições e sistemas de educação pós-secundária”.

¹ Notícia disponível na íntegra em: <https://www2.unesp.br/portal#!/acontece/detalhes/v/id::444/titulo::curso-sobre-internacionalizacao-em-casa-para-tecnicos-e-professores>.

Já De Wit et. al. (2015, p. 29) introduzem o tema da internacionalização da educação superior a partir de uma perspectiva contemporânea, ao afirmar que internacionalizar é “integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, funções ou oferta da educação pós-secundária, a fim de melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os estudantes e funcionários e dar uma contribuição significativa à sociedade”.

Outro autor a se destacar, é Hudzik (2015a) com seu conceito de “Internacionalização Abrangente”². A partir desta ideia, ele destaca que a emergência de uma internacionalização abrangente como conceito envolve a identificação de uma abordagem e um conjunto de comportamentos estratégicos, institucionalizados e integrados no ensino superior em resposta às mudanças no ensino superior e nos ambientes do século XXI.

Outro aspecto contemporâneo a ser explorado é o da vinculação da internacionalização da educação superior, ao contexto e às finalidades locais. Se em sua definição original, Knight (2004, p. 11) buscava ser intencionalmente neutra, o que é pontuado pela autora em publicação posterior: “a parte desafiante do desenvolvimento de uma definição é a necessidade de que ela seja suficientemente genérica para ser aplicada a muitos países, culturas e sistemas educacionais diferentes e não seja normativa ou descritiva em sua intenção” (KNIGHT, 2020, p. 23), tal neutralidade deve ser repensada.

Mesmo que sua definição inicial tenha sido proposta para ser operacionalmente aplicável em diferentes contextos, vários autores entendem a diversidade e a complexidade que as necessidades locais impõem à internacionalização da Educação Superior, em uma tendência de se apropriar da concepção da maneira que melhor se adequa a seus propósitos. A própria Knight (2020) aponta que a internacionalização foi orientada pelos princípios de que precisa estar vinculada ao contexto e às finalidades locais, de que não existe “somente uma forma” de internacionalizar, e de que ela é um meio para um fim e não um fim em si mesma. Na mesma linha, Gorovitz e Unternbäumen (2018) pontuam que o desafio é manter o foco nas problemáticas e necessidades locais, beneficiando-se de competências internacionais para a resolução desses problemas.

Quanto a evolução histórica, De Wit (2019, p. 10) explica que “o que agora é chamado de 'internacionalização do ensino superior' como conceito e estratégia é um fenômeno recente que surgiu nos últimos 30 anos, impulsionado por uma combinação dinâmica de raciocínio político, econômico, sócio-cultural e acadêmico de diferentes *stakeholders*”. Na mesma linha, Hudzik (2015a, p. 24) indicou na formulação de seu conceito de Internacionalização Abrangente que a temática não constituía ideia nova, nem um conceito homogêneo.

² *Comprehensive Internationalization* em inglês.

2.2 Internacionalização da Educação Superior: as diferentes ações

Conforme diversos autores ressaltam (PROCTOR; RUMBLEY, 2018; SHARIPOV, 2020), a mobilidade tende a ser o aspecto mais visível e valorizado da internacionalização da Educação Superior. Talvez porque algumas contribuições da mobilidade de professores e estudantes sejam claras: disseminação de valores universitários, crescimento identitário pessoal e profissional, aquisição de novos conhecimentos, disseminação do conhecimento existente, aquisição de habilidades relevantes para o trabalho em ambientes internacionais, adoção do inglês como língua de comunicação, ampliação de estratégias de internacionalização em casa, adoção de práticas educacionais inovadoras, projetos de pesquisa conjunta, dentre outras (DIAS et al., 2020). Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que se a mobilidade expande as possibilidades de aprendizagem internacional e intercultural, não deve ser considerada a única forma de internacionalizar.

O relatório de pesquisa global da Associação Internacional de Universidades (MARINONI, 2019, p. 23) apresenta dados relevantes para se referenciar processos de internacionalização e inspirar políticas que afetem a internacionalização. Neste sentido, ele apresenta outros aspectos que devem ser considerados no momento de se internacionalizar o ensino superior. São eles: (a) internacionalização como uma prioridade institucional; (b) políticas e atividades de internacionalização; (c) internacionalização da pesquisa; (d) recursos humanos e desenvolvimento de pessoal; (e) mobilidade estudantil; (f) internacionalização do currículo/internacionalização em casa. Nota-se que a mobilidade é apenas um e que outros aspectos devem ser considerados na internacionalização.

2.3 Internacionalização da Educação Superior: os diferentes atores

A crescente resposta à globalização e à competição no Ensino Superior evidencia a necessidade de preparar estudantes para mudanças locais e globais, tanto no âmbito acadêmico como profissional (PROCTOR; RUMBLEY, 2018). Contudo, além da “necessidade de preparar os estudantes para um mundo marcadamente multicultural e altamente interdependente” (LUNA, 2016, p. 7) na contemporaneidade, faz-se necessário preparar, também, docentes e técnicos administrativos para o contexto de internacionalização, seja para que possam atuar como atores de seu desenvolvimento, seja para que possam compreender os benefícios e oportunidades que as atividades oferecem às IES e ao país.

De Wit et. al. (2015, p. 29) já abordavam este ponto ao mencionar em sua definição de internacionalização da educação superior que ela deveria ter como objetivo “[...] melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os estudantes e funcionários [...]”. Desta definição se destaca a importância dada à participação de ‘todos’, pois ainda há uma ênfase na mobilidade de discentes e, na sequência, de docentes. Normalmente os funcionários tendem a

ser negligenciados nos planos estratégicos de internacionalização e não devem sê-lo (SCHILLER; ROWAND, 2015, s/p).

Neste contexto, e conforme também mencionado anteriormente, mesmo que as definições de internacionalização tenham evoluído ao longo das últimas três décadas, elas normalmente excluíram - ou fizeram apenas uma referência escassa - à função administrativa. Mesmo as definições mais recentes, que defendem uma abordagem abrangente, conforme ressalta Hunter (2018), ainda não se referem de forma mais contundente a importância das funções de apoio ao processo de internacionalização. Complementarmente, os estudos analisados por Guimarães et al. (2019, p. 100), indicam que “pode-se ver uma falta de envolvimento e treinamento de professores e pessoal administrativo para lidar com aspectos multiculturais, bem como uma falta de conhecimento sobre o tema da internacionalização”.

A questão de envolvimento dos docentes também é analisada por Knight (2020), ao indicar que o corpo docente necessita de um entendimento crescente de questões internacionais e globais e de uma maior compreensão e capacitação intercultural, inclusive no ambiente doméstico; a autora afirma também que esta preocupação deveria incluir o corpo de técnicos-administrativos. Rumbley (2015) também defende que a elaboração de atividades e agendas de internacionalização devem conter oportunidades de capacitação profissional que incrementem a condição de lidar com o ambiente complexo, volátil e internacionalizado da Educação Superior. Nessa mesma linha, Beelen e Jones (2015) consideram como desafios para as políticas institucionais de internacionalização o apoio ao desenvolvimento e capacitação do pessoal administrativo.

2.4 O conceito e este trabalho

Ficou claro na seção anterior que para que uma política de internacionalização do ensino superior seja efetivamente abrangente e transversal, é necessário que ela envolva todos os atores. Mas é de fundamental importância também que esses atores tenham uma compreensão mínima de seus papéis, dos fatores envolvidos e das expectativas geradas.

Para que isso ocorra, Abad (2019, p. 75) defende que “é necessário que se construa um espírito coletivo de equipe participativa em uma gestão aberta e democrática que proporcione diálogo, fortaleça lideranças e direcione esforços em uma direção contínua”. O pesquisador acrescenta que:

Essa interação e participação de todos os membros da comunidade acadêmica faz com que todos possam interagir e construir, a partir da identificação das ações de internacionalização já praticadas ou com grande potencial prático, um projeto de internacionalização integral observando as especificidades do contexto no qual a IES está inserida (ABAD, 2019, p. 76).

Com a mesma ótica, Beelen e Leask (2010) indicam que o engajamento do pessoal acadêmico na educação internacional é fundamental para seu sucesso e, portanto, é urgente encontrar formas novas e eficazes de engajá-los propositadamente em sua promoção. Com compreensão similar, Hudzik (2015b, p. 6) pontua que “a construção de uma cultura de internacionalização abrangente e estratégica depende em parte da educação e da mobilização da atenção para integrar as dimensões internacionais em todas as missões centrais”. Os diferentes *stakeholders* devem ser mobilizados e formados para a cultura da internacionalização.

Em particular, ao explorar o papel do pessoal administrativo no processo de internacionalização, Hunter (2018) aponta um contraponto existente nas instituições. Como os funcionários precisam se adaptar às mudanças institucionais e fornecer níveis de serviço esperados, existe uma ampla gama de treinamento geral nas instituições. Entretanto, muito pouco treinamento específico sobre internacionalização é disponibilizado ao pessoal administrativo. Onde esse tipo de treinamento é fornecido, raramente é oferecido de forma sistemática, em formato adaptado às necessidades administrativas específicas, ou formalmente reconhecido para avanço na carreira.

Na busca de uma resposta a esse paradoxo, se desenvolveu o curso IaHHES, que é detalhado nas próximas seções.

3 Procedimentos metodológicos

Os resultados apresentados neste trabalho, resultam de uma pesquisa de natureza qualitativa, sendo que o percurso seguido esteve de acordo com os pressupostos do paradigma qualitativo, em um processo de compreensão de uma situação social e humana, considerando a complexidade do cenário (CRESWELL, 2010). Esta afirmação se fundamenta também em Denzin e Lincoln (2006, p. 23), para quem “a palavra *qualitativa* implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente em termos de qualidade, volume, intensidade ou frequência”. Assim, pode-se afirmar que mesmo que uma pesquisa envolva quantidade, no caso desta pesquisa, o número de respostas nos questionários de opinião dos participantes, não define a pesquisa como quantitativa. A organização das respostas dos questionários, em forma de números, apenas contribui para uma interpretação qualitativa da experiência, para a qual um possível significado social é atribuído.

O contexto da pesquisa foi o curso IaHHES, idealizado pelos autores e ministrado para um grupo de docentes e técnicos administrativos de uma instituição de Educação Superior estadual brasileira, como ação piloto de sua Assessoria de Relações Externas (AREX). A

proposta do curso de formação para a internacionalização, na modalidade de educação a distância, majoritariamente assíncrono, previa a familiarização dos participantes com as noções e as premissas relacionadas aos temas de internacionalização da Educação Superior e, em particular, da internacionalização em casa. Após um período de exploração dos conceitos e do embasamento teórico respaldando políticas e ações de internacionalização, os participantes tiveram a oportunidade de realizar atividades práticas de análise e de ideação associadas a temática em estudo.

O intuito foi que, ao longo de dez semanas de curso, fosse formada uma comunidade de aprendizagem para refletir sobre pressupostos teóricos e para vislumbrar possibilidades práticas, concebendo, assim, a internacionalização em casa como um *hub* para práticas inovadoras no processo de internacionalização da Educação Superior brasileira. Essa proposta de curso se justifica pela necessidade de ações nas instituições de Educação Superior que possibilitem preparar a comunidade interna para o processo de internacionalização, especificamente no que se refere à internacionalização em casa, considerando a importância do conhecimento teórico e da experiência prática, por meio de ações de formação educacional.

O objetivo geral delineado para o curso foi:

- Familiarizar docentes e técnicos-administrativos com as concepções teóricas e práticas que circundam o tema internacionalização em casa.

Os objetivos específicos delineados foram:

- Estimular o conhecimento teórico-prático nos temas: internacionalização da Educação Superior; internacionalização em casa; internacionalização e questões linguísticas.
- Promover atividades práticas de análise de ações de internacionalização em casa de duas instituições de Educação Superior diferentes.
- Vislumbrar possíveis caminhos para a internacionalização em casa da IES.

O conteúdo programático foi organizado em cinco módulos, durante os quais os participantes deveriam completar diferentes tarefas/missões, como pode ser visualizado no Quadro 1.

Quadro 1. Conteúdo programático do curso

	Tema	Resumo das Tarefas/Missões
Módulo 1	Explorando histórico e conceitos da internacionalização da Educação Superior	Estudo do texto-base; Audio/videoresenha; Linha do tempo; Glossário de termos e siglas da internacionalização.
Módulo 2	Conhecendo a concepção de internacionalização em casa: pressupostos na teoria e na prática	Estudo do texto-base; Quiz sobre texto-base; Exemplo de internacionalização em casa; Análise de plano de internacionalização.
Módulo 3	Refletindo sobre a relação entre internacionalização e questões linguísticas	Estudo do texto-base; Quiz sobre o texto-base; Exemplo de internacionalização e questões linguísticas; Análise de política linguística.
Módulo 4	Analisando propostas de internacionalização em casa: os casos da UNESP e da UFU	Estudo do vídeo-base; Experiências em internacionalização em casa; Seleção de ação de internacionalização em casa; Comparação entre instituições.
Módulo 5	Construindo possíveis caminhos para a internacionalização em casa	Leitura do texto-base; esboço de plano estratégico de internacionalização em casa com contexto atual, proposta de ações e ideação de engajamento

Fonte: os autores, plano do curso de formação

Para a condução do curso, foram utilizados diferentes recursos didáticos possibilitados pelo ambiente virtual de aprendizagem: *surveys*, *quizzes*, fóruns, postagem de tarefas; além de incorporação de documentos da internet (vídeos, sites) e de documentos produzidos pela própria ministrante (*slides*, *handouts*, vídeos). O *feedback* foi provido nas ferramentas de mensagem individual, para o grupo, nos fóruns e nas atividades, de forma automática ou customizada. Para a avaliação, foram atribuídos 20 pontos por módulo, totalizando 100 pontos. Para ser considerado aprovado, o cursista deveria obter 60% da pontuação nas atividades assíncronas e 75% de presença nos encontros síncronos. Foram realizados 5 encontros síncronos durante o período do curso em horários flexíveis para ampliar a possibilidade de participação. Para informar os participantes sobre seu desempenho, foram utilizadas premissas de gamificação da aprendizagem e em cada módulo a pontuação das atividades assíncronas foi registrada em grupos de 5 pontos de experiência – 5XP – por tarefa ou missão. Os resultados foram informados individualmente a cada participante no formato de um *badge* de pontos.

Para o acompanhamento didático, as percepções da professora formadora foram registradas em notas de campo ao longo do curso e foram aplicados questionários de opinião ao final do curso tanto para aqueles que desistiram do curso quanto para os concluintes. Os instrumentos utilizados para a coleta de opinião foram questionários semiestruturados, elaborados principalmente com base nos conceitos encontrados na obra de Dörnyei (2003). Nela, o pesquisador explica as escalas de classificação, tanto de itens múltiplos como fechados, bem como as perguntas abertas, além de elaborar um conjunto de regras simples, que descrevem como preparar bons itens, como agrupá-los e como ordená-los.

Dos 32 participantes que se inscreveram para o curso em tela, 22 responderam aos questionários e concordaram que suas respostas fossem utilizadas em publicações científicas, assegurado o sigilo de suas identidades. As respostas aos questionários serão apresentadas e discutidas nas duas próximas seções. Além da apresentação dos dados em formatos de quadros, gráficos e excertos, para a interpretação dos dados coletados, se realizou um processo de reflexão, ou seja, foi dado um passo atrás em relação ao imediatismo do campo, para uma nova observação, numa tentativa de composição de sentidos da experiência (ELY; VINS; DOWNING; ANZUL, 1997).

4 Feedback dos participantes do curso de formação

Como explicitado na seção anterior, 22 participantes responderam aos questionários de opinião sobre o curso ‘Internacionalização em casa como *hub* na Educação Superior’, sendo que 12 desses participantes responderam ao questionário sobre desistência do curso e 10 sobre a participação no curso. Para ambos os grupos de respondentes, questionou-se sobre os quatro objetivos do curso, com foco na pertinência para o grupo de desistentes e com foco na consecução desses objetivos para os participantes, ao fim do curso. As respostas, que poderiam variar entre sim, parcialmente ou não, apontam para uma avaliação altamente positiva em relação aos objetivos propostos, como apresentado no Quadro 2.

Quadro 2. Opiniões sobre objetivos do curso

Objetivos específicos do curso	Objetivo pertinente	Objetivo parcialmente pertinente ³	Objetivo atingido ⁴
Familiarizar docentes e técnicos-administrativos com as concepções teóricas e práticas que circundam o tema internacionalização em casa.	12 respostas	0 resposta	10 respostas
Estimular o conhecimento teórico-prático nos temas: internacionalização da Educação Superior; internacionalização em casa; internacionalização e questões linguísticas.	12 respostas	0 resposta	10 respostas
Promover atividades práticas de análise de ações de internacionalização em casa de duas IES diferentes.	11 respostas	1 resposta	10 respostas
Vislumbrar possíveis caminhos para a internacionalização em casa na sua instituição.	11 respostas	1 resposta	10 respostas

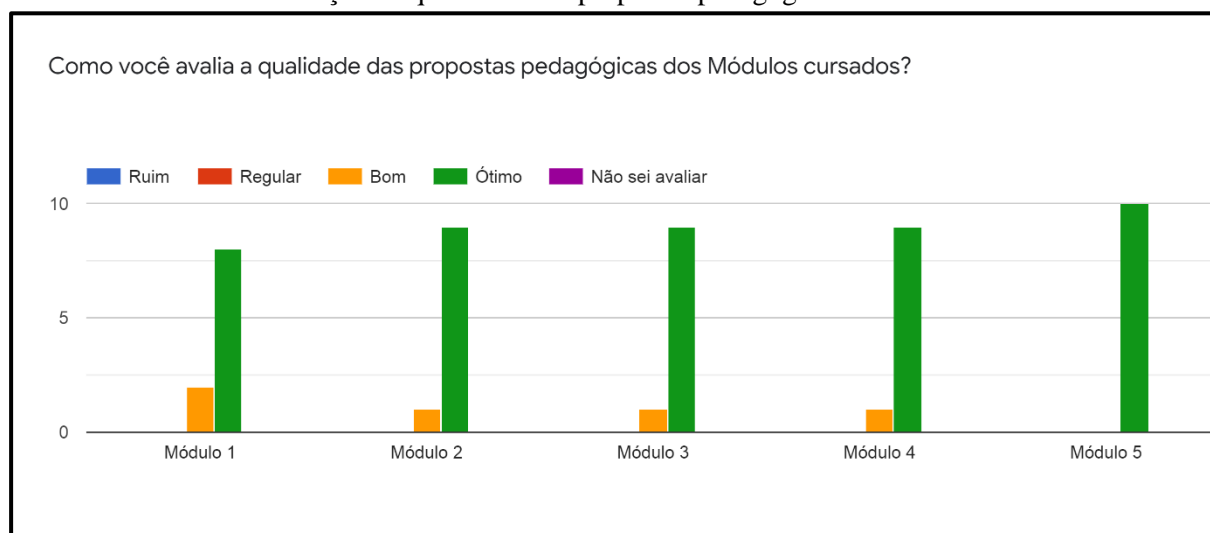
Fonte: os autores, pesquisa de campo

³ Nenhum participante da pesquisa respondeu ‘não’ à pergunta: Você acredita que os objetivos do curso são pertinentes?

⁴ Nenhum participante respondeu ‘não’ ou ‘parcialmente’ à pergunta: Você acredita que os objetivos do curso foram atingidos?

A qualidade dos cinco módulos da proposta de formação para a internacionalização, introduzidos no Quadro 1 1, foi avaliada pelos 10 respondentes do questionário de encerramento. É importante realçar que mesmo sendo um número pequeno, esses dados representam a grande maioria dos participantes, já que 11 participantes concluíram o curso. As respostas estão organizadas no Gráfico 1.

Gráfico 1. Avaliação da qualidade das propostas pedagógicas dos módulos cursados

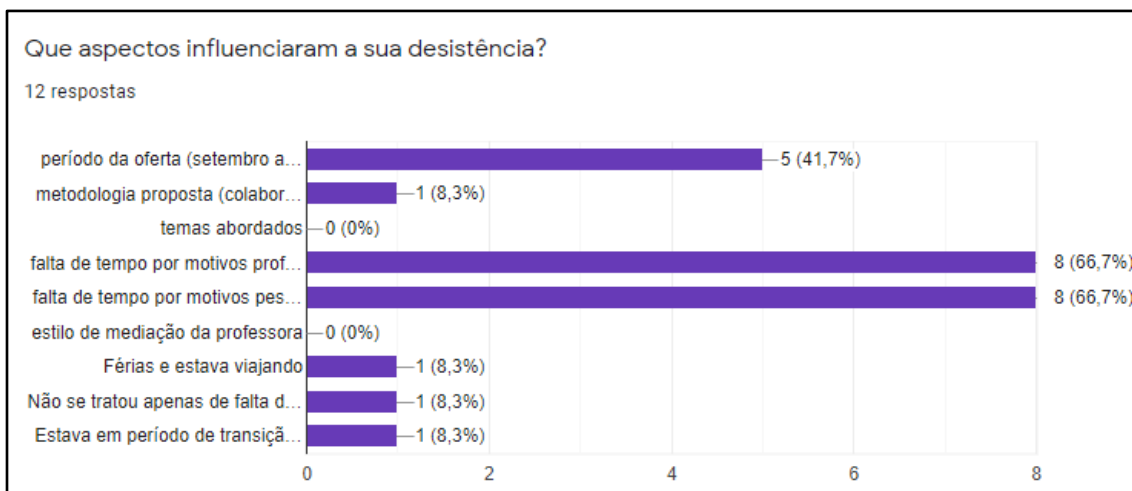


Fonte: os autores, pesquisa de campo

A partir da análise do Gráfico 1, pode-se notar que o Módulo 1, que tratou do histórico e dos conceitos da internacionalização da Educação Superior recebeu 2 avaliações como ‘bom’. Os módulos 2 a 4 também receberam uma avaliação como ‘bom’ e apenas o módulo final, que contou com a ideia sobre possíveis ações futuras para a instituição, recebeu todas as 10 respostas como ‘ótimo’. Vislumbra-se, a partir dessas respostas, a preferência por módulos mais práticos e menos teóricos. É possível, ainda, pressupor que os participantes preferiram de forma mais unânime o tipo de conteúdo, a apresentação ou a didática do Módulo 5.

Os participantes que desistiram do curso apontaram que os objetivos do curso eram pertinentes e demonstraram interesse pelo tema, o que pode ser ilustrado pelas respostas dos 12 participantes que responderam ao questionário de desistência e pelas palavras de um dos respondentes: “Gostaria muito de ter conseguido participar do curso, os conteúdos eram extremamente interessantes e pertinentes à temática de internacionalização”. Dos 32 inscritos, 11 participantes completaram o curso IaHHES e 21 desistiram, sendo que 12 deles responderam ao questionário de desistência. Muitos desistiram mesmo antes do início do primeiro módulo, por motivos não relacionados à pertinência e à qualidade da proposta, como pode ser visualizado no Gráfico 2.

Gráfico 2. Motivos que influenciaram a desistência dos participantes do curso

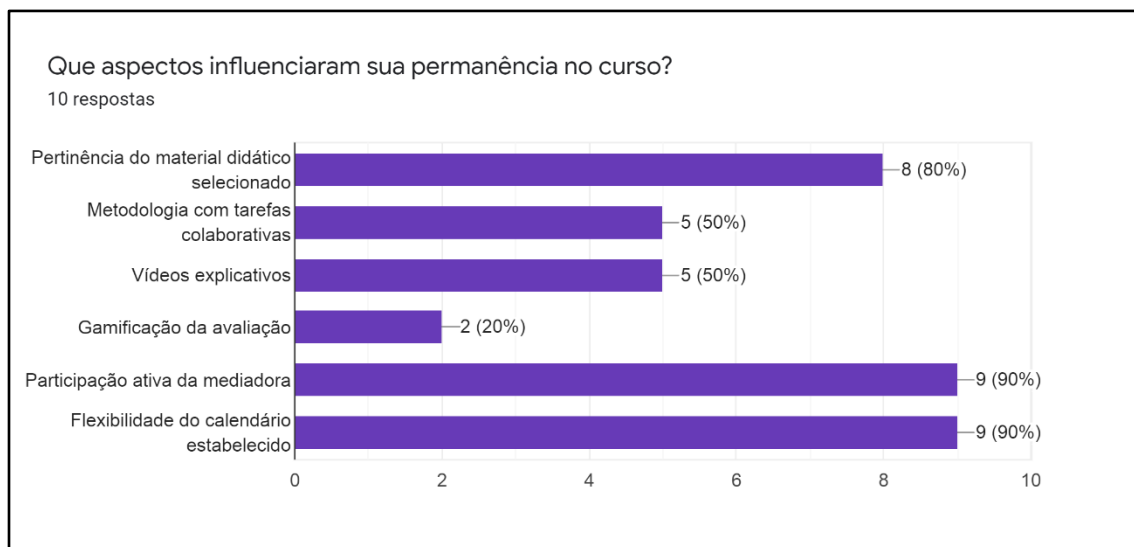


Fonte: os autores, pesquisa de campo

Os motivos mais recorrentes para a desistência foram a falta de tempo, tanto por motivos profissionais como pessoais, seguidos pelo período da oferta (setembro a dezembro), que coincidiu com o encerramento de o início de períodos letivos, com os protocolos de retorno ao trabalho presencial e com as festas de final de ano. Alguns respondentes explicaram que o período foi concomitante com as férias e com o período de transição de cargos, o que impossibilitou a dedicação ao curso. Compreende-se que, para outras ofertas, o período do curso poderia ser decidido em consulta com os possíveis participantes para que haja maiores condições de participação.

Assim como foi questionado sobre a desistência, os motivos que influenciaram a permanência dos participantes que completaram o curso foram levantados e estão apresentados no Gráfico 3.

Gráfico 3. Motivos que influenciaram a permanência dos participantes do curso



Fonte: os autores, pesquisa de campo

Os motivos mais recorrentes foram a participação ativa da professora formadora e a flexibilidade do calendário estabelecido, com 9 respostas, seguidos da pertinência do material didático selecionado, com 8 respostas. Nas palavras de um respondente, “o planejamento pedagógico, incluindo conteúdo, metodologia e estratégias da formadora, fizeram com que eu permanesse no curso, embora estivesse com uma agenda muito difícil na universidade”. Nota-se que o fator limitador da falta de tempo, que motivou a desistência de muitos, não foi determinante para todos os participantes do curso. A alteração do calendário para ampliar o prazo das tarefas, decidida conjuntamente em reunião síncrona, combinada com a qualidade do material e da mediação parecem ter feito uma diferença positiva e significativa para a permanência dos cursistas.

Um aspecto que foi apontado como motivo de desistência por um dos cursistas: “metodologia com tarefas colaborativa”, foi indicado como motivo de permanência por 5 concluintes. Isso parece indicar a heterogeneidade do grupo de participantes e pode levar à compreensão da dificuldade de que todos estejam satisfeitos com todos os aspectos de um curso. Os vídeos explicativos foram apontados como motivos de permanência por 5 respondentes. Faz-se necessário esclarecer que os vídeos não estavam no planejamento inicial, mas foram produzidos após o segundo encontro síncrono com os participantes, a partir de sugestão dos próprios cursistas. Por fim, a gamificação da avaliação – a utilização de *badges* com a pontuação atingida em cada módulo para o contato pessoal de cada cursista no fim de cada módulo – foi indicada como motivo de permanência apenas por 2 respondentes. Isso indica que apesar de ser uma possível inovação pedagógica, parece não ter se constituído em fator tão relevante como os demais apontados.

Outros apontamentos pertinentes foram feitos na parte aberta dos questionários, no espaço para comentários, entre eles, críticas e elogios, e serão abordados na próxima seção que trata do que foi aprendido com a experiência do curso de formação.

5 Aprendizagens sobre o curso de formação

O curso de formação para docentes e servidores técnicos-administrativos, abordado neste trabalho, mostrou-se uma iniciativa bem avaliada tanto pelos participantes da pesquisa, como pela professora formadora e pelo gestor da AREX. Essa iniciativa posiciona-se em um contexto de poucas oportunidades similares às oferecidas por este tipo de formação, embora haja a compreensão da necessidade de se discutir e estudar o assunto, o que foi apontado por um dos participantes da pesquisa em opinião apresentada a seguir.

O curso deve continuar sendo oferecido, considerando a especificidade do tema e pela temática ainda ser pouco discutida em outras instâncias; também por trazer novos apontamentos em cada nova discussão.

Pode-se avaliar que, à compreensão de que a falta de conhecimento sobre as estratégias de internacionalização da própria instituição coloca-se como uma barreira para o engajamento do corpo acadêmico destacada por Hunter (2018), se contrapõe a escassez de cursos de capacitação dessa natureza. No curso, dentre as atividades propostas para a ampliação do conhecimento acerca dos documentos institucionais sobre internacionalização, pode-se mencionar a leitura do Plano Estratégico de Internacionalização da instituição, introduzido pelo texto da tarefa, atividade do Módulo 5 do curso, copiado a seguir.

Entre em contato com os colegas de equipe e se organizem em duplas ou trios. Considere o conhecimento construído a partir do estudo do plano estratégico de internacionalização da instituição e o conhecimento construído no curso acerca de internacionalização em casa para redigir um esboço de plano estratégico de internacionalização em casa para a sua instituição.

Alguns participantes do curso mencionaram que foi a primeira oportunidade que tiveram para fazer uma leitura do plano estratégico de internacionalização da instituição e se engajarem em uma tarefa prática para aprofundar o conhecimento construído com a leitura. Por mais que esses documentos estejam disponíveis no site da instituição e tenham sido amplamente divulgados quando de sua publicação, nem sempre o corpo administrativo e docente consegue organizar seu tempo para priorizar esse tipo de leitura.

A exploração de materiais institucionais produzidos para fomentar e organizar o processo de internacionalização pode propiciar a ampliação do conhecimento dos participantes do curso, independente do ponto de partida individual. Alguns participantes do curso estavam

iniciando suas tarefas relacionadas aos Comitês Locais de Internacionalização⁵ (CLI) enquanto outros tinham grande experiência tanto em processos de mobilidade internacional como de atividades de internacionalização em casa. Essa exploração foi benéfica para ambos os grupos, como aprendizagem inicial ou como ampliação do conhecimento que já possuíam, como apontado por participante da pesquisa em questionário sobre encerramento do curso, em excerto a seguir:

O curso apresentou muito material sobre a internacionalização, ampliando a visão das possibilidades e finalidades da internacionalização da instituição de ensino superior e da internacionalização em casa.

Conforme indica Hudzik (2015), parece que o conhecimento construído contribui para quebrar barreiras comportamentais, motivacionais e de atitude, constituindo-se um facilitador eficaz de uma abordagem mais abrangente da internacionalização. Uma das formas de ampliação de conhecimento foi a proposta de navegar em sites de outras instituições e encontrar exemplos sobre os temas estudados, como exemplificado a seguir, a partir de excerto de atividade proposta no Módulo 3 do curso

Busque sites ou artigos que indiquem atividades de internacionalização e de ‘internacionalização em casa’ de instituições de ensino superior no Brasil ou no mundo que tenham questões linguísticas. Selecione um exemplo para socializar com os colegas de equipe, no intuito de mapear ideias de ‘internacionalização em casa’ no Brasil e no mundo. Uma atividade que aconteceu no último mês de setembro de 2021 e que ilustra ações de internacionalização com foco em questões linguísticas foi a conferência on-line Erasmus+ para celebrar o Dia Europeu das Línguas. O evento teve como objetivo principal demonstrar apoio a uma abordagem abrangente do ensino e aprendizagem de línguas. Um dos objetivos específicos foi discutir como incorporar a diversidade linguística e apoiar a alfabetização em todas as línguas nas escolas. Vocês conseguem encontrar outros exemplos? A ideia é montarmos uma apresentação de slides colaborativa.

Outro aspecto particular que é digno de nota, é que os participantes do curso socializaram experiências de ‘internacionalização em casa’ relacionadas a questões linguísticas de outras instituições e refletiram sobre as atividades propostas por sua própria instituição vislumbrando possibilidades de aplicação. Nota-se a oportunidade de integração e de participação de diferentes *stakeholders* do processo de internacionalização. Em um estudo mencionado na seção 2 sobre a importância da inclusão das funções administrativas no processo de internacionalização de uma instituição de ensino superior, Hunter (2018) também relata que o corpo administrativo apontou que cursos de formação não são apenas para adquirir conhecimentos e habilidades apropriadas, mas também para construir o espírito de equipe e o compromisso compartilhado. Esse apontamento ecoa nas opiniões dos

⁵ Estrutura interna da instituição associado a operacionalização nas unidades, da política de internacionalização da instituição.

participantes deste curso, o que pode ser ilustrado com o excerto de comentário de participante da pesquisa em questionário sobre encerramento do curso, copiado a seguir.

Foram momentos agradáveis de diálogo, troca de experiências e estudos da internacionalização. Possibilitou ampliar o conceito prévio que eu tinha das atividades de intercâmbio. Fazendo uma reflexão, é urgente me dedicar a aprender inglês e espanhol não só para desenvolver melhor as atividades do escopo de trabalho, mas também de desenvolvimento pessoal.

Ainda em relação às questões linguísticas, pode-se destacar que os participantes do curso se posicionaram em termos do desejo de conhecimento de línguas estrangeiras como parte de suas qualificações profissionais e pessoais. Esta situação está alinhada com as conclusões de Dias et al. (2020, p. 4) que sublinham que “nesta sociedade global, as qualificações incluem o conhecimento de outras culturas, competências interculturais e proficiência em língua estrangeira, só para citar algumas”. Neste contexto, a falta de apoio do governo brasileiro à formação linguística dos *stakeholders* da internacionalização não pode deixar de ser mencionada. Após a interrupção de fomento ao programa Idiomas sem Fronteiras em 2019, o corpo docente e administrativo perdeu as oportunidades múltiplas de formação linguística, algo a ser considerado institucionalmente para a mitigação dessa limitação.

No que tange o engajamento dos participantes do curso em atividades de estudo e de produção de tarefas, o mesmo mostrou-se evidente nos diferentes módulos. Nos encontros síncronos, alguns comentaram que repensaram os conceitos teóricos estudados para o seu contexto de atuação e perceberam que suas experiências práticas iam ao encontro dos apontamentos dos pesquisadores; eles apenas não sabiam como nomear o que faziam. Um dos exemplos é que alguns participantes coordenavam atividades de culinária, de apresentações culturais e de feiras de intercâmbio com a participação de estudantes internacionais em seus campi, mas não sabiam que se tratava de atividades de ‘internacionalização em casa’ na ótica de Beelen e Jones (2015).

A socialização de iniciativas, tanto linguísticas como de internacionalização em casa, mostra que é possível encontrar caminhos, por vezes, criativos e inovadores, para fomentar o processo de internacionalização da Educação Superior nas IES. Cada participante do curso teve a oportunidade de buscar experiências dentro de seu escopo de interesse e de conhecer aquelas do interesse de seus pares, como pode ser apreendido do excerto do comentário de participante da pesquisa em questionário sobre o encerramento do curso, apresentado a seguir.

Foi uma experiência muito boa, pois o curso mostrou que algumas iniciativas podem ser tomadas sem muito esforço! As trocas de experiência e a mistura de docentes e servidores técnico-administrativos ajudou a mostrar todos os processos envolvidos, pois em muitas

situações, o docente não sabe os trâmites que envolve um processo de parceria e colaboração com outras instituições.

Um apontamento importante no comentário anterior que merece destaque, é que foi positivo, na opinião do cursista, que docentes e servidores técnicos-administrativos tenha sido o público-alvo do curso. Inicialmente, durante o primeiro módulo do curso, essa foi uma preocupação da professora formadora: se a participação conjunta de docentes e de servidores técnicos-administrativos havia sido uma ideia acertada. Parecia que os dois grupos tinham interesses distintos e que talvez apresentassem expectativas díspares em relação ao conhecimento a ser construído. Contudo, ao longo do curso, especialmente a partir das tarefas práticas e colaborativas, os participantes foram se conhecendo e passaram a apreciar o que o outro grupo poderia agregar em termos de experiências prévias.

O conhecimento prévio dos participantes foi fomentado ao longo do curso, o que pode ser ilustrado pela tarefa, atividade do Módulo 4, em texto copiado a seguir.

Antes de conhecermos um pouco mais sobre as ações de internacionalização em casa das duas IES analisadas, vamos fazer uma atividade para socializar o que já fizemos ou estamos fazendo para contribuir com o processo de internacionalização, sem sair fisicamente de nossa instituição. Eu produzi um pôster sobre algumas de minhas experiências individuais e/ou institucionais de internacionalização em casa de uma delas (próxima página) e gostaria que cada um fizesse o mesmo exercício em relação à segunda delas. Vocês podem usar fotos ou imagens representativas. Vocês já atenderam/receberam estudantes internacionais ou professores visitantes? Vocês já participaram de atividade de acolhimento? Vocês já participaram de eventos relacionados à internacionalização? Pode ser uma experiência, ou várias, mas tem que caber em uma página apenas.

Esta situação observada, de certa forma, mostra que o curso deu uma resposta a uma preocupação de Hudzik (2015, p. 40) que defende que “talvez a maior mudança organizacional na marcha constante em direção à internacionalização abrangente seja a modificação na percepção da instituição sobre ‘quem somos’”. Para que uma instituição reflita sobre quem é como um coletivo, é importante que cada *stakeholder* reflita sobre quem é, individualmente, naquele contexto. Tanto um servidor técnico-administrativo com ampla experiência no setor de relações internacionais, como um docente que participa de uma atividade COIL pela primeira vez, têm muito a socializar. Observa-se que as atividades práticas de socialização no curso sob análise propiciaram esse pertencimento a uma comunidade de prática no campo da internacionalização, como delineado *a priori* no plano de curso.

Essa metodologia de exploração teórica e/ou prática seguida de ação, de reflexão e de colaboração contribuiu para o conhecimento individual e institucional. A proposta pedagógica propiciou colocar em prática as premissas estudadas e a socialização de

experiências que contribuíram para a construção de conhecimento, conforme se pode depreender do excerto com o comentário de um dos participantes do curso, apresentado a seguir.

Pelo conteúdo que tive acesso e pela pouca participação que tive, percebi que o material didático selecionado é muito interessante e que a proposta de metodologia, com atividades colaborativas, facilita o aprendizado do conteúdo do curso.

É importante mencionar que essa visão positiva acerca da metodologia não foi uníssona desde o início do curso e que os ajustes metodológicos a partir do acompanhamento das opiniões dos participantes contribuíram para essa avaliação positiva. O excerto do comentário de um dos participantes do curso, copiado a seguir, pode ilustrar essa progressão.

No início parece que não absorvemos o conteúdo apresentado, mas com os demais módulos e vídeos percebemos o quanto crescemos no conhecimento e aplicações.

Nos dois primeiros módulos do curso, com a desistência de muitos participantes (mais de 50% dos inscritos) mesmo antes de iniciar as tarefas, a professora formadora ficou insegura em relação à proposta metodológica que incluía colaboração. Para a formadora, agir colaborativamente representa interagir com os pares para a construção de conhecimento coletivo, significa co-construir a prática por meio de reflexão e da conscientização, e pressupõe trilhar um caminho em direção a relações interpessoais e profissionais mais frutíferas. A título de exemplo se apresenta a seguir, um excerto com uma dentre as várias tarefas reflexivas e colaborativas propostas no curso, em atividade do Módulo 2.

Encontre na internet um plano de internacionalização de uma instituição de ensino superior brasileira (federal, estadual ou municipal) e identifique as premissas de ‘internacionalização em casa’ presentes e não-presentes no documento, no intuito de fazer uma comparação do lugar dessas práticas em diferentes instituições. Como exemplo, anexo o Plano de Internacionalização da UFC. Não há o termo ‘internacionalização em casa’ no documento, mas há vários trechos que mostram que a proposta de internacionalização da UFC está alinhada aos pressupostos de internacionalização em casa.

Um apontamento de um dos desistentes sobre a inadequação de uma proposta metodológica mais participativa tendeu a reforçar a inquietação. Mas os apontamentos dos outros participantes demonstram que o desafio foi positivo. Esta situação vai ao encontro das observações de Beelen e Leask (2010) que discorrem sobre a importância de se mover para além de perspectivas tradicionais e abraçar uma gama de habilidades práticas no engajamento com o processo de internacionalização. Mesmo que a tarefa não tenha sido sem percalços, o curso fora de uma abordagem tradicional de ensino e aprendizagem parece ter sido uma decisão apropriada.

Após a tarefa individual, as diferentes equipes socializaram suas descobertas e, coletivamente, refletiram sobre o que as IES brasileiras têm feito na prática. Entenderam as limitações e as possibilidades das propostas de ‘internacionalização em casa’ e relacionaram o conhecimento construído com suas funções e ações institucionais. Talvez tivesse sido mais simples apenas assistir passivamente a vídeos explicativos e completar questionários avaliativos sobre as leituras feitas; contudo, as ações e as reflexões parecem ter feito mais sentido no processo de participação no curso.

6 Considerações Finais

A experiência com o curso IaHHES demonstra que há formas de mitigar a escassez de formação para a internacionalização, a partir de ampliação do conhecimento, independente do nível de conhecimento prévio, tanto para iniciantes no tema, como para aqueles com muita bagagem no assunto. Ainda, observa-se que o engajamento de diferentes *stakeholders*, corpo docente e administrativo, a partir de uma abordagem ativa e prática de participação no processo de formação, mostra-se desejável.

De forma resumida, a partir das análises e das interpretações apresentadas na seção 5, algumas boas práticas para a oferta de cursos de formação dessa natureza podem ser apreendidas. A experiência de capacitar, conscientizar e tornar membros do corpo administrativo e docente mais conhecedores do processo de internacionalização das IES possibilitou tal identificação. Essas boas práticas estão listadas a seguir.

- A heterogeneidade do conhecimento prévio dos participantes deve ser acolhida e valorizada na proposta pedagógica. Mesmo participantes que estavam iniciando suas atividades na área da internacionalização trouxeram muitos apontamentos pertinentes durante o curso de formação, inclusive perguntas que fomentaram a reflexão de participantes com experiência mais ampla na área.
- A socialização de experiências deve ser central no desenho pedagógico, tanto as experiências anteriores ao curso, como aquelas vividas durante as tarefas propostas. Conhecer a realidade de outras instituições ao navegar por sites que apresentavam planos estratégicos de internacionalização e políticas linguísticas institucionais propiciou não somente a ampliação de consciência sobre possibilidades na internacionalização, mas também a comparação com o que já tem sido feito na própria instituição.
- A mudança de percepção da identidade institucional no que tange à internacionalização, ou seja, “quem somos” nessa seara, depende do engajamento dos diferentes *stakeholders*, corpo administrativo e docente, em um processo de reflexão. A exploração das ações institucionais já realizadas contribuiu para que os participantes conseguissem nomear o que já faziam e vislumbrar possibilidades de fazer mais.

O trabalho desenvolvido e relato, permite confirmar e complementar diversas das afirmações apresentadas ao longo desta narrativa: as atividades de formação dessa natureza são imprescindíveis para que instituições de Educação Superior no Brasil possam mobilizar aliados em suas próprias instituições para fomentar a internacionalização em casa. De qualquer forma, uma nova avaliação para comprovar ou refutar as conclusões abordadas aqui, poderá ser feita após a finalização da oferta de nova turma que está iniciando a segunda edição do curso. Partindo do apontamento do diretor da AREX citado na introdução deste artigo, entende-se que a internacionalização em casa deve se tornar um conceito muito importante para toda a comunidade universitária brasileira, por isso é importante “capacitar, conscientizar e tornar nossos servidores embaixadores desse tema”.

Referências

- ABAD, L. C. Internacionalização integral na gestão universitária. In: MOROSINI, M. (Org.). **Guia para internacionalização universitária**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2019. p. 67-81. ISBN 978-85-397-1305-9.
- BARANZELI, C. Modelo de internacionalização em casa – IaH. In: MOROSINI, M. (Org.). **Interfaces da Educação a Distância na Internacionalização em casa**. 2019. p. 187-201. ISBN 978-85-397-1305-9.
- BASSET, R. M. From university to multiversity to omniversity: HEIS as hubs for dynamic development. In: LAND, H. V.; CORCORAN, A.; IANCU, D. C. (Ed.). **The promise of higher education: essays in honour of 70 years of IAU**. 2021. p. 401-406. ISBN-13 978-3030672478.
- BAUMVOL, L. Advancing internationalization at home from different roles: an interview with Dr. Jos Beelen. **SFU Educational Review**, v. 13, n. 3, 2019. p. 48-53. Disponível em: <https://journals.lib.sfu.ca/index.php/sfuer/article/view/1105>. Acesso em 31 jan. 2022.
- BEELLEN, J.; JONES, E. Redefining internationalization at home. In: CURAJ, A et. al. (Ed.) **The European Higher Education Area**, 2015. p. 59-73. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312862761_Redefining_Internationalization_at_Home. Acesso em 31 jan. 2022.
- BEELLEN, J.; LEASK, B. Enhancing the engagement of academic staff in international education. **Proceedings of a Joint IEAA-EAIE Symposium**, 2010. p. 1-16. Disponível em: <https://research.hva.nl/en/publications/enhancing-the-engagement-of-academic-staff-in-international-educa>. Acesso em 31 jan. 2022.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 296 p. ISBN 9788536323008.

CROWTHER, P. et al. **Internationalisation at home: a position paper**. Amsterdam: European Association for International Education (EAIE), 2000. 46 p. ISBN 90-74721-16-8.

DE WIT, H. Internationalisation in higher education, a critical review. **Simon Fraser University Educational Review**, v. 12, n. 3, Fall 2019. p. 9-17. Disponível em: <https://journals.lib.sfu.ca/index.php/sfuer/article/view/1036>. Acesso em 31 jan. 2022.

DE WIT, H.; HUNTER, F.; HOWARD, L.; EGRON-POLAK, E. **Internationalisation of higher education**. Brussels: European Parliament, 2015. 326 p. ISBN 978-92-823-7846-5.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. O. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p. ISBN 85-363-0663-7.

DIAS, G. P. et al. Between promises and pitfalls: the impact of mobility on the internationalization of higher education. **Journal of further and higher education**, 2020. p. 1-16. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0309877X.2020.1735321>. Acesso em 31 jan. 2022.

DÖRNYEI, Z. **Questionnaires in second language research: construction, administration and processing**. Mahwah, New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. 165 p. ISBN 0-8058-3908-9.

ELY, M.; VINZ, R.; DOWNING, M.; ANZUL, M. **On writing qualitative research: living by words**. London, Reino Unido e Filadélfia, EUA: Routledge Falmer, [1997] 2001. 424 p. ISBN 0-203-45142-2.

FREIRE JUNIOR, J. C.; MASSINI-CAGLIARI, G.; PUTTI, F. F.O Programa BraVE na Unesp: uma visão institucional para a internacionalização em casa. In: SALOMÃO, A. C. B.; FREIRE JUNIOR, J. C. **Perspectivas de Internacionalização em Casa: intercâmbio virtual por meio do programa BRAVE/UNESP**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 13-30. ISBN 978-65-86546-57-6.

GOROVITZ, S.; UNTERBÄUMEN, E. H. (Org.) **Políticas e tendências de internacionalização no ensino superior no Brasil**. Brasília (DF): Editora UNB, 2018. 283 p. ISBN-13 978-65-5846-156-2.

GUIMARÃES, F. F.; MENDES, A. R. M.; RODRIGUES, L. M.; PAIVA, R. S. S.; FINARDI, K. R. Internationalization at home, COIL and intercomprehension: for more inclusive activities in the global south. **Simon Fraser University Educational Review**, v. 12, n. 3, fall 2019. p. 90-109. Disponível em: <https://journals.lib.sfu.ca/index.php/sfuer/article/view/1019>. Acesso em 31 jan. 2022.

HUDZIK, J. Comprehensive internationalization: from concept to action. **NAFSA: Association of International Educators**. Washington, D.C, 2011. Disponível em: http://www.nafsa.org/File/downloads/cizn_concept_action.pdf. Acesso em 31 jan. 2022.

HUDZIK, J. K. **Comprehensive internationalization: institutional pathways to success.** Oxon; New York: Routledge, 2015a. 279 p. ISBN 978-1-138-77854-2.

HUDZIK, J. K. Integrating institutional policies and leadership for 21st century internationalization. **International Higher Education**, n. 83, 2015b. p. 5-7. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/9075>. Acesso em 31 jan. 2022.

HUNTER, F. Training administrative staff to become key players in the internationalization of higher education. **International Higher Education**, n. 92, 2018. p. 16-17. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/10280>. Acesso em 31 jan. 2022.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: Definitions, rationales, and approaches. **Journal for Studies in International Education**, v. 8, n. 1, 2004. p. 5-31. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315303260832>. Acesso em 31 jan. 2022.

KNIGHT, J. The internationalization of Higher Education: complexities and realities. In: TERREFA, D.; KNIGHT, J. **Higher education in Africa: the international dimension.** Massachusetts, USA: Boston College, 2008. ISBN 9988589409 9789988589400.

KNIGHT, J. **Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios.** 2 ed. E-book. São Leopoldo: Oikos Editora, 2020. 221 p. ISBN 978-65-86578-51-5.

LEASK, B. Using formal and informal curricula to improve interactions between home and international students. **Journal of Studies in International Education**, v. 13, n. 2, 2009. p. 205-221. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277509883_Using_Formal_and_Informal_Curricula_to_Improve_Interactions_Between_Home_and_International_Students. Acesso em 31 jan. 2022.

LEASK, B. **Internationalizing the curriculum.** New York: Routledge, 2015. 208 p. ISBN 9780415728157.

LUNA, J. M. F. (Org.) **Internacionalização do currículo: educação – interculturalidade – cidadania global.** Campinas, SP: Pontes, 2016. 332 p. ISBN 9788571137387.

MARINONI, G. **Internationalization of Higher Education: an evolving landscape, locally and globally.** IAU 5th Global Survey. DUZ medienhaus, 2019. Disponível em: https://www.iau-aiu.net/IMG/pdf/iau_5th_global_survey_executive_summary.pdf. Acesso em 31 jan. 2022.

NILSSON, B. Internationalisation at home from a Swedish perspective. **Journal of Studies in International Education**, v. 7, n. 1, 2003. p. 27-40. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315302250178>. Acesso em 31 jan. 2022.

PROCTOR, D.; RUMBLEY, L. E. **The future agenda for internationalization in higher education: next generation insights into research, policy and practices.** Oxon; New York: Routledge, 2018. 266 p. ISBN 9781138289796.

RUMBLEY, L. Intelligent internationalisation: a 21st century imperative. **University World News**, 2015. Disponível em: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20150414062211377>. Acesso em 31 jan. 2022.

SHARIPOV, F. Internationalization of higher education definition and description. **Mental Enlightenment Scientific-methodological Journal**, v. 2020, n. 1, art. 47, 2020. p. 127-138. Disponível em: <https://uzjournals.edu.uz/tziuj/vol2020/iss1/47/>. Acesso em 31 jan. 2022.

SCHILLER, A.; ROWAND, R. Staff exchange programmes and campus internationalization. **Mobility, Policy & Strategy**. EAIE, 2015. Disponível em: <https://www.eaie.org/blog/staff-exchange-programmes-and-campus-internationalisation.html>. Acesso em 31 jan. 2022.

WOJENSKI, C. P. Internationalization disrupted: collaborative online international learning as a stop-gap and a solution. **Academia Letters**, article 1503, 2021. p. 1-4. Disponível em: <https://www.scilit.net/article/f77657e6cb8443cad3eb5bb69be237f7>. Acesso em 31 jan. 2022.